

18

Caixa dos
T. da Casa



Recebi a vossa mensagem
e fico desculpa de não vos ter
maís rápida.

Estou inteiramente de acôr
fois não acho conveniente adornar
os louros da vitória, se a tempestade
é necessário que o Sol brilhe sem
para que Portugal continue a ser, o
tranquilo, à beira-mar plantado
Loria delo atrair todas as nuellas



LUÍZ CARVALHO



Cartas

a uma ditadura e outras histórias

TEXTO DE *Ana Soromenho*

Uma centena de cartas sobre um movimento feminino de apoio ao Estado Novo, validado por Salazar mas logo extinto e antecedendo o Movimento Nacional Feminino, foi o ponto de partida para o novo filme de Inês de Medeiros. «Cartas a Uma Ditadura» já ganhou vários prémios internacionais e estreia na próxima quinta-feira nas salas portuguesas



FOTOGRAFIAS DE TIAGO MIRANDA

MARIA MAGDALENA DE LANCASTRE, 85 ANOS, ERA VOLUNTÁRIA DA CARITAS E CONHECEU PESSOALMENTE SALAZAR

Ficaria esquecido e definitivamente arquivado o Movimento Nacional das Mulheres Portuguesas, não fora um acaso: uma centena de cartas, todas escritas por mulheres no ano de 1958 e encontradas num alfarrabista de Lisboa em 2004, foram parar às mãos da atriz e realizadora Inês de Medeiros.

Numa leitura superficial pareciam cartas de amor. Mas não eram. Apesar de no seu conjunto passar um tom geral de exaltação e de entrega, que não sendo de carácter amoroso certamente seria revelador de um outro tipo de amor — o amor à pátria e a Salazar —, estas cartas eram a resposta de várias mulheres da sociedade portuguesa a uma circular enviada a um grupo vasto de senhoras, logo após as eleições presidenciais de 8 de Junho de 1958. O propó-

sito da circular, que nunca foi encontrada, era o de arregimentar militantes para um movimento de mulheres a fim de redobrem a sua fidelidade ao regime, depois do susto passado com Humberto Delgado. Este movimento, que se chegou a formar com o nome de Movimento Nacional das Mulheres Portuguesas (cujos estatutos foram corrigidos e aprovados por Salazar), acabou por não ter nenhum desenvolvimento social e extinguiu-se pouco tempo depois.

Quando Inês de Medeiros leu pela primeira vez estas cartas, intrigou-a o tom fervoroso, a adoração a Salazar, o sentimento de exaltação pelo regime e, em simultâneo, o pavor pela mudança. **Cartas a Uma Ditadura**, o documentário que estreia na próxima quinta-feira (dia 8) nas salas de cinema, parte desta interrogação. Durante quase dois anos, a realizadora mergulhou em vários arquivos, ouviu centenas de testemunhos e foi em busca dos rostos das signatárias.



A BELMIRA MONTEIRO, 88 ANOS, A CARTA CHEGOU POR ENGANO. DE SALAZAR LEMBRA O RETRATO NA PAREDE DA ESCOLA

Encontrou sete. São estas mulheres, e as imagens de arquivo que recuperou de um tempo a preto e branco, que meio século depois nos contam a versão feminina sobre a história do Estado Novo.

Belmira e o engano

Belmira Monteiro viu-se subitamente comovida — expressão que a câmara de Medeiros captou — quando a sua carta lhe apareceu ali, tantos anos depois e a recordar-lhe a perplexidade que sentiu quando recebeu a missiva que lhe chegava de Lisboa.

Hoje, com 88 anos, na casa da sua aldeia no Marinhão, no concelho de Fafe, Belmira não se recorda do ano em que isso foi. Lembra-se, sim, de ter chegado à residência do pároco e de ter visto uma carta igualzinha à sua em cima da mesa: «Era para a irmã do padre. Só nós duas aqui na aldeia a recebemos. A minha deve ter sido um

engano. Como tinha o mesmo apelido do padre [Monteiro] pensaram que eu era da família.» Na carta, chamou-lhe a atenção uma frase enigmática e que a deixou ensimesmada: «A borrasca passou.» «Ninguém compreendia o que aquilo queria dizer. Percebi que eram coisas lá das senhoras do Salazar. Fosse o que fosse, estava a ser preparado lá por Lisboa.» Sem remetente, a carta terminava dizendo: «Em breve torno a comunicar consigo.» Belmira contou ao pai: «E que resposta vais dar? Que habilitações tens tu? Olha que te vais arreperder!» Ela, curiosa, queria saber mais. Escreveu na volta do correio mas nunca obteve resposta. De vez em quando, era o pai que a provocava: «Vês? Não te ligaram nenhuma.» Não que Belmira se ralasse. «Fiquei eu mais vantajosa porque fui a mais atrevida.» Dezasseis anos depois, em Abril, quando ouviu pela rádio uma voz que anunciava uma revolução lá para Lisboa, Belmira Monteiro

«SALAZAR PODIA SER O
PAI, O MARIDO, O FILHO
IDEAIS. AS MULHERES
ESCREVIAM-LHE ATÉ
COISAS DO QUOTIDIANO
E ELE RESPONDEIA SEMPRE
ÀS CARTAS»

lembrou-se subitamente da «borrasca que passou». Sentiu-se esclarecida.

A tentativa de organizar um movimento feminino português partiu de Marta Pinta, dirigente da parte feminina da LIC (Liga Independente Católica) e mulher muito próxima de Salazar. Durante a campanha para as eleições de 58, quando o «general sem medo» arrisca a frase «Obviamente de-mito-me», um grupo de mulheres do regime resolve agir em protesto e fazer um apelo no Rádio Clube Português como prova do seu apoio ao candidato de Salazar, Américo Thomaz. Segundo a imprensa da época, as reacções das mulheres portuguesas levam até a uma sessão de agradecimento a Salazar, no Coliseu dos Recreios. Esta foi a primeira acção do Movimento Feminino das Mulheres Portuguesas e as primeiras páginas dos jornais dão notícia de 22 mil apoiantes. «Uma das coisas que mais me espantou ao iniciar a pesquisa para o meu filme foi descobrir que nunca nenhum historiador refere a existência deste movimento numa época tão estudada como esta, do Estado Novo. O meu filme parte das cartas mas acaba por ser uma reflexão sobre a ditadura a partir de um olhar feminino, e sobretudo a partir de uma determinada classe social.»

Prontas a servir a pátria

No início de *Cartas a Uma Ditadura*, sucedem-se vários planos sobre milhares de rostos em grande comoção, numa impressionante homenagem ao presidente do Conselho no dia do seu 70.º aniversário. Na varanda da residência de São Bento, o vulto de Salazar recorta-se em primeiro plano sobre a multidão das mulheres. É sempre um homem solitário este Salazar que aparece nas imagens de arquivo recolhidas por Inês de Medeiros, e não por acaso. Esta é também a história de uma relação entre o ditador e o poder da sombra. Conta a realizadora: «O universo feminino que surge a partir daquelas cartas é uma espécie de poder recolhido, mas que sustenta durante tantos anos o regime porque Salazar o sabe alimentar. Nas cartas, aparecem muitas vezes as palavras 'ordem', 'valores', 'paz'. As mulheres detestam o caos e a guerra. Aquela geração cresceu na memória contada pelos pais sobre os 'horrores' da República, assiste à guerra civil espanhola e à II Guerra Mundial, e fica eternamente grata e reconhecida a Salazar por a guerra não ter entrado em Portugal. Ele representa a estabilidade e a ordem. Neste sentido, as circunstâncias históricas foram-lhe muitíssimo favoráveis.»

Maria Magdalena de Lancastre, 85 anos, filha dos viscondes de Alcáçovas — «o meu pai trabalhava nas cortes e quando veio a República largou a carreira diplomática» —, ainda sente uma ligação ao tempo da monarquia e não tem memória das eleições de 58: «Acha que nos importava saber quem era um homem que se chamava Humberto? Um nome que nem era da nossa classe?» Ao contrário de Belmira Monteiro, a carta que recebeu não ia ao

engano: «Conhecia bem a Marta Pina. Ela vinha saber se as senhoras deste grupo estariam todas unidas para deitar a mão ao que fosse caso houvesse qualquer coisa. Esse Movimento estava parado mas sabíamos que podíamos ser chamadas a qualquer momento.» Durante o tempo da II Guerra Mundial, Magdalena trabalhava como voluntária na Caritas, pronta a servir a pátria. Foi quando conheceu Salazar: «A Fernanda Jardim, que era presidente da Caritas, um dia levou-me com ela. Fiquei doída para ir ver Salazar. Sabia muito bem quem eu era, de quem era filha e durante a conversa tomava muitos apontamentos. Tinha um olhar penetrante e a gente sentia que não lhe podia mentir. Nunca percebi porque suscitava aquela coisa nas mulheres. Mas nesse dia também fiquei um bocadinho apaixonada por ele.»

Construção de um mito

Belmira Monteiro nunca viu Salazar. Dele só lembra o retrato pendurado na parede da sala da escola. E também de sentir respeito. «Ou seria medo? Às vezes nem sei bem o que era», confessa esta costureira, que nunca saiu da sua aldeia e ali criou sozinha os quatro filhos, depois de o marido ter emigrado para o Brasil. Magdalena de Lancastre ainda tem nostalgia do tempo de Salazar: «Ele era adorado. Hoje nem sete, um para cada dia da semana, lhe chegavam!», diz sem pudor.

«Quando se entende a história do ponto de vista das mulheres, normalmente confinadas ao lado familiar e mais íntimo do lar, o que é interessante é a possibilidade daquela poder ser lida de uma forma emotiva e nunca na perspectiva dos grandes acontecimentos», reflecte Medeiros. Avança com uma teoria: «Salazar assumiu-se muito cedo como figura mítica. Aquela coisa do eterno celibatário, casado com a pátria, permitia a estas mulheres uma relação de intimidade com o presidente. Podia ser o pai, o marido, o filho ideais. Uma coisa impressionante nos seus arquivos é ver que ele respondia às cartas todas. Muitas mulheres escreviam-lhe até coisas do quotidiano e ele respondia sempre.»

Se o ponto de partida de *Cartas a Uma Ditadura* foi a relação entre Salazar e as mulheres — «é o único homem que aparece no filme», sublinha Medeiros —, é também um outro Salazar aquele que a realizadora descobre ao longo da investigação, mas que guarda para si e não é revelado no documentário. «Há um lado mais secreto dele, dado a depressões, misantropo. Tinha uma espécie de nojo visceral, quase físico, às pessoas. Mas o mais revoltante foi perceber o profundo desprezo que sentia pelos portugueses. Quando andava nos arquivos, já não me lembro onde, encontrei esta frase dita por ele: «Não se pode permitir que os portugueses sonhem, porque eles não são capazes de realizar os seus sonhos.»

asoromenho@expresso.pt